

Formações do Eu e Narcisismo Digital: os desafios da Educomunicação diante das redes sociais

Luiz Fernando Fontes-Teixeira

Resumo

Para além da mera manutenção, informatização e tecnologização de recursos, tornou-se imprescindível considerar que as novas gerações já não absorvem mais um determinado conteúdo sem nele intervir com suas próprias contribuições. A incorporação da interatividade no desenvolvimento da Comunicação e seus meios alcançou um incomensurável impacto social e compeliu uma reformulação de boa parte dos padrões previamente estabelecidos, sobretudo aqueles do ecossistema educacional. Pensar as confluências entre Comunicação e Educação, neste sentido, configura-se como uma necessidade imperiosa. Este trabalho possui como objetivo pensar a Comunicação a partir do registro do Imaginário, investigando quais as consequências disto para a Educação. A hipótese central é a de que emerge na condição virtual das formações do Eu um “narcisismo digital” como sintoma dos novos tempos e com o qual a Educação invariavelmente tem que lidar, sobretudo no que tange ao papel das redes sociais (Facebook, Instagram, Twitter, etc.). Com isto, espera-se sustentar a argumentação de que a Educomunicação aparece como possibilidade de desafiar as construções narcísicas e abrir caminho para um encontro com o Real.

Considerações iniciais

Em primeiro lugar, gostaria de deixar claro que as considerações a seguir possuem como ponto de partida a psicanálise. Mais especificamente, a psicanálise de orientação lacaniana, isto é, aquela do ensino do psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981). Esclareço desde o início minha referência central para que não haja confusão no uso de certos termos técnicos dos quais vou me apropriar.

Em meu resumo, indiquei que este trabalho possui como objetivo pensar a Comunicação a partir do Imaginário. Com isto, não aludo à Faculdade da Imaginação conforme designada por Immanuel Kant (1724-1804), nem ao

Imaginário concebido por Jean-Paul Sartre (1905-1980) ou ainda por Cornelius Castoriadis (1922-1997). Antes, refiro-me a um dos três registros psíquicos empregados por Lacan ao longo de seu ensino, quais sejam: o Imaginário, o Simbólico e o Real. Adiante, ficará mais claro o que cada um representa e como é possível pensar a questão que proponho a partir deles.

Formações do Eu: a constituição do sujeito

Dito isto, considero importante iniciar este percurso esclarecendo o que é o Imaginário em Lacan e qual seu papel na constituição do sujeito. Para abordar de maneira sistemática este tópico, acredito ser pertinente retornar à preleção realizada por Lacan em julho de 1949, intitulada *O estádio do espelho como formador da função do eu*.

Neste texto, que é definitivamente um de seus mais conhecidos e estudados, Lacan expõe um aspecto particular da formação do sujeito “tal qual é revelado pela experiência psicanalítica”. Trata-se da constatação de um evento que muitos aqui já devem ter presenciado: o instante no qual um bebê é colocado na frente de um espelho e nele se reconhece pela primeira vez!

Lacan chama atenção para o fato de que essa “etapa do espelho” representa a conquista da imagem, mais especificamente da imagem do corpo. Este é o primeiro passo para a formação do que denominamos “Eu”, através de uma identificação especular – ainda na mais tenra infância. Esta identificação pode ser verificada, em um primeiro momento, no espanto do bebê com a imagem. Daí se seguem as múltiplas tentativas de se apoderar daquele ser-refletido, com toda aquela falta de coordenação motora cabível ao bebê. O próximo passo ocorre quando ele se dá conta de que aquela imagem não é nada mais senão ele mesmo. Como em um passe de mágica, o bebê instantaneamente percebe que a imagem não é um ser real, apenas um reflexo – e mais, um reflexo do seu próprio corpo. A exaltação da descoberta é perceptível em seu júbilo e

regozijo diante de seu reflexo no espelho, manifestação mais honesta de sua libido. A estranheza inicial se torna agora uma festa a ser celebrada!

Pela primeira vez, o “filhote de homem”, como o chama Lacan, estabelece uma relação entre o organismo e sua realidade, desenvolvendo a noção de unidade de seu próprio corpo. Até então, tudo o que possuía eram imagens fragmentadas – pernas, braços, mãos e pés, sem aparente conexão lógica entre eles. Depois do estágio do espelho, algo parece se clarear. Neste sentido, a mais importante observação de Lacan é a de que aquilo que consideramos nosso Eu é, em primeira instância, a imagem que possuímos de nosso corpo.

O psicanalista argentino Juan David Nasio, em sua obra *Meu corpo e suas imagens* (2008), apresenta um comentário bastante pertinente a respeito do estágio do espelho. Ele esclarece que nós não somos precisamente nosso corpo em carne e osso, mas antes o que dele vemos e sentimos. Em outras palavras, a representação mental que criamos, influenciada por nossa imagem no espelho, forja nosso corpo e constituímos o Eu, a partir de nossas ideias mais íntimas. Isto significa dizer basicamente que o Eu é antes um sentimento de existir do que propriamente uma substância universal, no sentido do *cogitocartesiano*. Contudo, há um conflito inevitável entre aquilo que realmente somos e o que enxergamos de nós mesmos. Neste sentido, seria possível afirmar (novamente ao lado de Nasio) que nosso Eu reside tanto na certeza do que somos, quanto na ignorância que possuímos a respeito de nós mesmos.

Esta ignorância compõe algo com o qual todos somos obrigados a lidar. Mais ainda, ela advém de um ambiente que não podemos acessar e que foi denunciado por Sigmund Freud (1856-1939) ainda no século XIX, a saber: o Inconsciente. Não vem ao caso traçar o percurso interpretativo de Lacan em relação ao Inconsciente em Freud. Todavia, vale enfatizar que Lacan se apropria e estende o entendimento deste registro psíquico, apoiado por aquilo que se mostra com maior vigor acerca da natureza do Inconsciente: a impossibilidade de

representar seu conteúdo, ou de encontrar alguma lógica ou sentido em sua estrutura, essencialmente arbitrária. É partir daí que Lacan cunhará o termo “Real”, para se referir a este enigma.

O Real aparece no ensino de Lacan como algo impossível de ser simbolizado, isto é, um lugar faltoso, um lugar de silêncio. Trata-se de que algo que escape à possibilidade de racionalização ou descrição de qualquer tipo. Dito de outra forma, o Real situa-se antes no campo de um não-saber. Entretanto, vez por outra, manifestações do Real rompem a barreira dos dentes e vêm à tona. Sonhos, atos falhos e chistes são exemplos clássicos das irrupções inconscientes em nosso cotidiano. Ainda assim, seu âmbito permanece tanto inacessível quanto incompreensível. Pode-se sustentar que há um abismo entre os registros e seus encontros se dão antes como saltos do que como progressões. Exemplos bastante úteis para compreender este abismo podem ser vistos em distúrbios alimentares clássicos, como a anorexia ou a bulimia.

Independente do gozo do sujeito no campo da neurose, em ambos os casos aqueles que são acometidos por tais patologias simplesmente não conseguem enxergar seu corpo de outra maneira, senão pela imagem que dele criaram.

Por fim, resta uma última consideração a respeito das “formações do Eu”: a presença do outro. Para além do abismo entre o que somos e o que representamos de nós mesmos, há ainda outra precipitação: aquela da distância entre o que somos/representamos e aquilo que os outros enxergam em nós.

A interferência do discurso do outro, ou a manifestação da linguagem enquanto cultura humana, constitui aquilo que Lacan nomeará “Simbólico”. Este é o registro responsável por colocar em movimento a dialética entre a identificação do Eu e o Outro, compondo aquilo que, enfim, chamamos de sujeito. Podemos

pensar, portanto, a constituição do sujeito como um nó entre os três registros acima mencionados: Imaginário, Real e Simbólico.

A dupla face do narcisismo

Agora bem, as funções da formação do Eu não passam incólumes aos traumas. Ainda no *Estádio do espelho*, Lacan retoma Freud uma vez mais, dizendo que a identificação primária do sujeito pode ser pensada no sentido do “Eu-Ideal” descrito pelo “pai da psicanálise”. Freud argumenta que este Eu-Ideal surge a partir de um instinto de autopreservação, comum a toda criatura viva. No caso específico do filho de homem, a construção se dá a partir do complemento libidinal do egoísmo, ou seja, aquele júbilo anteriormente mencionado do bebê com sua própria imagem. Assim, Freud apresenta o “narcisismo primário”.

O termo “narcisismo” é de conhecimento geral de quase todos. Perdura na transmissão cultural do Ocidente aquilo que foi transmitido pelo mito de Eco e Narciso, personagens das *Metamorfoses* do poeta romano Ovídio (c. 43-17/18 a.C.). Imagino que todos se lembrem da história: o jovem Narciso, vítima de sua própria beleza e de uma terrível predição, encanta-se com seu reflexo em um lago e, sem conseguir se afastar da imagem de si mesmo, morre à beira das águas. Via de regra, entende-se que um narcisista é “alguém apaixonado por si mesmo”, ou ainda: uma pessoa excessivamente vaidosa e preocupada com a própria imagem.

Embora ambas as definições não estejam inteiramente equivocadas, o uso regular do vocábulo “narcisismo” em psicanálise possui algumas nuances importantes de serem destacadas.

Ao contrário do que pensavam os psiquiatras predecessores de Freud, o narcisismo, em sua forma primária, não é uma perversão, mas faz parte da formação de todo e qualquer ser humano. Aquilo que posteriormente seria

caracterizado como um distúrbio de personalidade narcisista, refere-se ao que Freud denominou “narcisismo secundário”.

Quando este tipo de narcisismo encontra uma neurose obsessiva, por exemplo, ocorre uma desistência do sujeito em relação ao mundo externo. Assim, o neurótico transfere todo seu interesse, toda sua libido, para si mesmo. Cria-se, em contrapartida ao Eu-Ideal, aquilo que Freud nomeou “Ideal do Eu”.

Para Lacan, este Ideal do Eu surge como resultado de um confronto com o registro Simbólico, isto é, na introdução do sujeito no seio da sociedade por meio da lei e da linguagem. Peço que vocês guardem estas considerações, por enquanto.

Comunicação enquanto Imaginário

Seguindo em nosso tema: para pensar a Comunicação enquanto Imaginário, torna-se necessário estabelecer um critério pelo qual se orientar. Por este motivo, agrada-me retomara noção de “mundo editado”, conforme apresentada por Maria Aparecida Baccega, em um escrito que completa já dez anos, intitulado *Comunicação/Educação: apontamentos para a discussão* (2004).

Baccega argumenta que o mundo tal qual conhecemos é já sempre um mundo editado, o que quer dizer: atravessado e modificado por milhares de mediações, sejam elas midiáticas ou presentes na fala cotidiana. Sua definição de “edição” compreende a ideia de construção de uma realidade outra, a partir de decréscimos ou acréscimos em um acontecimento. Reconfigurar uma coisa, ressignificar um fato com o objetivo específico de atingir um determinado interesse, são as características principais do “mundo editado”. Desta maneira, quando penso na Comunicação enquanto Imaginário, possuo como intenção sustentar que a edição que se opera a respeito do mundo, por meio da

Comunicação e seus meios, constitui algo muito semelhante às funções do Eu, das quais falamos anteriormente.

Sabemos de alguma forma que aquilo não corresponde à totalidade da coisa, não a esgota. Contudo, ainda assim a assumimos como crença verdadeira justificada, para usar um termo de Edmund Gettier.

Assim sendo, em tempos de Comunicação interativa, só nos resta perguntar: que tipo de edição operamos no mundo? De que forma o mundo editado que se apresenta para nós é resultado daquilo que enxergamos de nós mesmos e da nossa sociedade? E, por fim, será que podemos enxergar neste mundo editado traços de nossa singularidade, ou mesmo sintomas de nossas neuroses?

Narcisismo Digital: o Imaginário nas redes sociais

Pois bem, minha proposta final é refletir a respeito das redes sociais. Por qual motivo? Ao meu ver, as redes sociais representam um “novo estádio do espelho”, caso me permitam a ousadia de traçar tal paralelo. Desta vez, este espelho não é mero refletor inverso de uma imagem. Antes, poderia ser concebido como uma representação secundária e complexa da estrutura do Imaginário.

Assim como nosso mundo editado, nossa imagem nas redes sociais pode ser recortada, alterada e ressignificada de acordo com os nossos anseios, objetivos e pulsões. É ali, nas redes sociais, que disponibilizamos ao público a imagem que possuímos de nós mesmos, todavia com recursos tecnológicos que cooperam bastante para esta edição.

A diferença fundamental entre aquilo que alguém sustenta em seu cotidiano e a maneira pela qual se expõe em uma rede social, concentra-se no fato de que

aqueles manifestações do Real das quais havíamos falado se tornam cada vez mais raras.

Um sujeito, em seu dia-a-dia, representa seu papel, tenta impor o modo pelo qual ele sente que é o que efetivamente é. Entretanto, como é de costume, este papel se dissolve. Algumas vezes a máscara simplesmente cai. Somos pegos em atos falhos engraçados ou constrangedores em diversos momentos de nosso dia. Nossos sonhos nos revelam situações nas quais jamais nos colocaríamos acordados.

Já nas redes sociais, este papel parece mais cristalizado, mais engessado. Ali é um pouco mais difícil incorrer no erro, no engano. É sintomático, por exemplo, que o Twitter limite as postagens em 140 caracteres. Algo sugere que quanto menor o espaço para o erro, melhor. Mesmo assim, o erro ocorre de vez em quando.

Contudo, acredito que os perfis pessoais nas redes sociais podem nos mostrar muito mais do que meramente um narcisismo sintomático do século XXI. Talvez resida, nisto que chamei aqui de “narcisismo digital”, uma evidenciação dos mecanismos de defesa desta nova geração. Sem embargo, as redes sociais deixam estes mecanismos mais expostos e evidentes do que nunca. Talvez agora nossos sintomas apareçam com ainda mais força. Quiçá mesmo nossa singularidade tenha mesmo mais abertura para emergir.

Considerações finais: a Educomunicação e os sintomas do século XXI

Para encerrar minha exposição, gostaria de colocar algumas questões a respeito de possíveis posicionamentos da Educomunicação perante os desafios e característicos do século XXI.

Ismar de Oliveira Soares, em um clássico artigo intitulado *Educomunicação: um campo de mediações* (2000), absorve os questionamentos do artigo *A mediação pedagógica e a tecnologia educativa* (1996) de Francisco Gutiérrez, pontuando que para que se faça Comunicação, torna-se necessário educar para a incerteza. Somente assim seria possível um usufruto da vida por meio da sensibilidade humana e rumo à apropriação da história e da cultura. Ao meu ver, este diálogo que se abre entre Soares e Gutiérrez destaca o que há de mais proveitoso para se pensar os desafios da Educomunicação diante das redes sociais. Educar para incerteza pode significar, portanto, permitir que algo do campo do não-saber aparece na formação do sujeito.

Frente ao mundo editado, recordado, reconstruído, não posso deixar de citar a obra de Adílson Citelli, *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento* (2004), na qual ele reivindica o resgate do termo “ressignificação” em sua dimensão última e plena: algo que se modifica ao modificar. Este é um dos caminhos apontados para o campo de mediações da Educomunicação. Em nossa constante modificação e edição, talvez consigamos perceber nosso potencial de modificar algo para além de nossa própria imagem.

É claro que não é da alçada do Educomunicador tratar do sofrimento psíquico. Todavia, como já sabemos, ele não pode se furtar de acompanhar as transformações interativas do século que se abre. Por este motivo, caberia refletir acerca de uma Educomunicação cuja lida se instaura a partir de um vazio.

Sabemos que não há música sem pausa, sem vazio. Há já muito tempo nossa educação e nossa comunicação se tornou algo muito mais parecido com um estrepitoso tropel de uma marcha militar do que com uma sinfonia. Talvez, atentando para as fissuras que se mostram na interface Comunicação/Educação, possamos resgatar algo do campo do não saber e, quem sabe, enfrentar a letargia denunciada pelo conformismo vigente e encarar a vida como ela é, como navalha na carne.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. “Comunicação/Educação: apontamentos para a discussão”. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo** (ESPM). v. 1, n. 2 (2004), pp. 119-138.

CITELLI, Adílson. **Comunicação e Educação** : A Linguagem em Movimento. São Paulo: Senac, 2004.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud** : edição *standard* brasileira ; Volume XIV. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NASIO, Juan David. **Meu corpo e suas imagens**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: um campo de mediações”. In: Adílson Odair Citelli e Maria Cristina Castilho Costa (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

Autor



Luiz Fernando Fontes-Teixeira é Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Realizou estágio como visitante na University College Cork, Irlanda. Foi professor substituto de Estética Filosófica e Filosofia Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Norte entre 2010 e 2011. Cursa a Licenciatura em Educomunicação pela Universidade de São Paulo. Interessa-se pelo diálogo entre Filosofia, Psicanálise e Educação e Comunicação. Contato: luizfernandoft@usp.br.